Notas sobre a formação em campo: os primeiros movimentos de jovens futebolistas em categorias de base de clubes profissionais

Lucas Barreto Klein

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Email: lucasbklein@gmail.com

Jaison José Bassani

Professor do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Email: jaisonbassani@yahoo.com.br

Resumo

O artigo analisa as diferentes fases da formação esportiva de jovens futebolistas nas categorias de base de clubes profissionais, com foco nas etapas iniciais de oportunização, detecção e seleção, além dos critérios subjetivos utilizados pelos agentes formadores para identificar talentos. A partir de fontes documentais diversas, observações sistemáticas e entrevistas com coordenadores e treinadores de base de clubes profissionais, bem como com familiares de atletas que integravam as categorias de base de uma das equipes investigadas, realizadas entre os anos de 2018 e 2019, o estudo revela que o processo de formação não é linear, sendo influenciado por redes de relacionamentos e contextos formais de ensino e treinamento, como por exemplo as escolinhas de futebol, de futsal e projetos sociais. Além disso, destaca os desafios da reconversão profissional para atletas que não avançam nas fases iniciais, assim como os impactos da pandemia de COVID-19 nas dinâmicas de formação e gestão esportiva nos últimos anos. Por fim, é enfatizada a importância de redes de apoio familiares e estratégias alternativas para a continuidade das carreiras desses jovens dentro ou fora do campo de atuação no futebol.

Palavras-chave: formação esportiva; futebol de base; gestão esportiva; reconversão profissional.

Notes on Training in the Field: The First Movements of Young Footballers in Professional Club Youth Categories

Abstract

This article analyzes the different phases of sports training for young footballers in the youth categories of professional clubs, focusing on the initial stages of opportunity, detection, and selection, as well as the subjective criteria used by training agents to identify talents. Based on various documentary sources, systematic observations, and interviews with youth coordinators and coaches from professional clubs, as well as with families of athletes who were part of the youth categories of one of the investigated teams between 2018 and 2019, the study reveals that the training process is not linear, being influenced by relationship networks and formal teaching and training contexts, such as football schools, futsal academies, and social projects. Additionally, it highlights the challenges of professional reconversion for athletes who do not progress through the initial stages, as well as the impacts of the COVID-19 pandemic on training dynamics and sports management in recent years. Finally, the study emphasizes the importance of family support networks and alternative strategies for the continuity of these young athletes' careers, whether within or beyond the football field.

Keywords: sports training; youth football; sports management; professional reconversion.

Introdução

O presente artigo apresenta as diferentes fases que compõem o processo de formação esportiva de crianças e adolescentes futebolistas, com foco especial para aqueles que se encontram em trajetória inicial na carreira e ainda não alcançaram a "maioridade futebolística"[1], etapa que a literatura define como ciclo de pré-formação (Damo, 2005), o qual vai desde os primeiros passos da criança no processo de treinamento sistematizado até o início da fase de especialização em clubes profissionais.

Segundo Paoli (2007), o sistema de formação profissional de atletas de futebol existente no Brasil é atravessado pela estrutura organizacional estabelecida pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e suas Federações Estaduais filiadas, e pode ser classificado em seis fases: oportunização, detecção, seleção, promoção, exposição e comercialização.

A primeira é a oportunização, que representa a oferta das condições de espaços e estruturas para que crianças e jovens possam ter seus primeiros contatos com o esporte. Em seguida, a detecção de talentos, que está diretamente ligada aos meios utilizados pelos clubes para encontrar e identificar jogadores que apresentem competências para ingressar em seus programas de formação. Já a seleção é a fase em que se determina a escolha dos indivíduos mais aptos a dar continuidade ao programa de formação dos clubes. A promoção e a exposição do talento ocorrem a partir do desenvolvimento dos aspectos físicos, técnicos, táticos e psicossociais em relação ao ambiente de treinamentos e jogos. Por fim, há a comercialização, que representa o final do ciclo de formação do atleta e a possibilidade de o clube gerar recursos financeiros como retorno dos investimentos (Paoli, 2007) que, por vezes, ocorre enquanto o atleta ainda se encontra em formação nas categorias de base dos clubes.

Reforçamos que, as fases apresentadas por Paoli (2007), e aqui utilizadas como roteiro de exposição do campo em categorias de análises, não têm como objetivo definir uma linearidade supostamente inerente ao processo de formação de futebolistas, mas sim trazer elementos decisivos na trajetória de vida daqueles que mergulham neste universo formativo profissionalizante.

Na sequência do texto, depois de contextualizar os caminhos metodológicos adotados, retomamos relatos, dados e informações provenientes de pesquisa mais ampla desenvolvida sobre o tema (Autor, 2021), enfocando os três primeiros movimentos que surgem na trajetória inicial daqueles que aspiram transformar-se em futebolistas profissionais, a saber: da oportunização, da detecção e da seleção. Ao final, a título de conclusões, retomamos os principais achados da investigação e atualizamos informações relativas aos sujeitos entrevistados na pesquisa, considerando o cenário vivido durante e após a pandemia de COVID-19 no país, as quais reforçam a noção de movimento e circulação presente no campo.

[1]A expressão "maioridade futebolística" é utilizada para caracterizar oficialmente a fase de início da formação profissional de jovens futebolistas, pois somente após completarem 16 anos de idade lhes é permitido assinar o primeiro contrato profissional de trabalho com o clube (Palmiéri, 2015). Em faixas etárias anteriores, como se verá ao longo do texto, os clubes e os agentes empresários se valem de diferentes estratégias para vincular seus atletas, a fim de garantir futuros direitos econômicos sobre os investimentos na formação.

Caminhos metodológicos

Foram tomadas como fontes informações divulgadas oficialmente por clubes profissionais de futebol em suas mídias sociais, notícias sobre o meio esportivo veiculadas em jornais eletrônicos, entrevistas com agentes formadores que atuavam com atletas em trajetória inicial, entrevistas com familiares de atletas em trajetória inicial pertencentes às categorias de base de um dos clubes investigados, além de documentos oficiais obtidos por meio de acesso a teses, dissertações, artigos, atas de reuniões, relatórios técnicos, participação em cursos e eventos sobre futebol de base, observações no contexto de atuação profissional e conversas informais com agentes do campo, que aparecem ao longo do texto como dados complementares no entrecruzamento de fontes para melhor compreensão do cenário investigado. Essas informações foram sistematizadas em diário de campo durante 18 meses, entre junho de 2018 e dezembro de 2019.

Para entrevistas, realizadas entre julho de 2018 e março de 2019, foram selecionados dois coordenadores e seis treinadores de base de clubes profissionais, dentre os quais cinco são do Estado de Santa Catarina, dois de São Paulo e um do Rio Grande do Sul. Os critérios de seleção dos participantes e a quantidade de entrevistas foram definidos a partir das possibilidades apresentadas pelo próprio campo de investigação.

Tabela 1: Perfil dos agentes formadores investigados. Fonte: Autor (2021).

Entrevistado	Formação	Atuou profissionalmente no esporte?	Tempo (em anos) de trabalho no clube até 2019	Dedicação exclusiva ao clube?
C1	Graduado	Não	14 anos	Sim
C2	Especialista	Não	16 anos	Sim
T1	Graduando	Não	2 anos	Não
T2	Graduado	Sim (futsal)	10 anos	Não
T3	Especialista	Não	6 anos	Não
T4	Mestrando	Não	7 anos	Sim
T5	Graduando	Não	4 anos	Não
T6	Especialista	Não	9 anos	Não

Foram também selecionados três familiares de atletas que integravam as categorias de base de uma das equipes investigadas. O acesso a esses familiares aconteceu no centro de treinamento do clube e as entrevistas foram realizadas uma hora antes do início da sessão de treinamento do atleta.

Tabela 2: Perfil dos familiares entrevistados. Fonte: Autor (2021).

Entrevistado	Naturalidade	Profissão	Estado Civil	Quantidade de filhos	Experiência esportiva
Mãe (A11)	Porto Alegre/RS	Técnica em enfermagem[2]	Casada	2	Em nível de recreação
Pai[3] (A12)	Itajaí/SC	Administrador	Casado	3	Em nível de recreação
Pai[4] (A13)	Alegrete/RS	Comerciante	Casado	2	Em nível de recreação

Os sujeitos investigados, mesmo não representando a totalidade da realidade dos agentes formadores que atuam em clubes de futebol no Brasil, tampouco dos familiares que investem no projeto de carreira de seus filhos, tornam-se relevantes para a pesquisa na medida em que se inserem num universo instituído pelas etapas de iniciação e formação profissional, representado por uma significativa parcela de crianças e adolescentes que buscam "dar o pontapé inicial" na construção da carreira esportiva em espaços especializados de aprendizagem e desenvolvimento das técnicas futebolísticas (Autor, 2021).

Primeiros movimentos: oportunização, detecção e seleção do talento

O início do processo de formação do futebolista é representado, simbolicamente, pelo ingresso nas categorias de base de um clube profissional, ou seja, a partir da aprovação e do reconhecimento de um "dom" ou "talento" por parte de agentes formadores que atuam na função de detectar e selecionar aqueles que consideram serem os mais aptos para se desenvolver como atletas e alcançar a futura profissão de jogador de futebol. Espera-se que os escolhidos possuam aptidões e predisposições para a aprendizagem e, ainda, segundo Damo (2005), passem por um longo processo de incorporação de técnicas esportivas e códigos específicos da modalidade, na tentativa de transformar o *capital futebolístico*[5] em carreira profissional. Para Paoli (2007), o reconhecimento do talento por parte dos clubes está relacionado com a presença de crianças em ambientes formais de ensino, sobretudo em escolinhas de iniciação esportiva, além da necessidade dos clubes de captarem jogadores precocemente para inseri-los em seus programas de desenvolvimento e assim garantir futuros direitos econômicos sobre o atleta.

[2] Parou de trabalhar ao se mudar para Florianópolis para acompanhar a rotina do filho no futebol. O filho mais novo jogava na categoria sub-11 do clube investigado, e o mais velho treinava basquete na escolinha do bairro.
[3] Residia a cerca de 100 km do clube. O filho mais velho (12 anos) era atleta do clube investigado.
[4] Mudou-se para Palhoça devido à aprovação do filho mais velho (13 anos) na base do clube, mas retornava com frequência à cidade natal por conta do trabalho.
[5] O termo "capital futebolístico" foi desenvolvido na tese de Damo (2005) e trata-se de uma modalidade de capital corporal que, combinada com os capitais convencionais – social e simbólico –, é requerida para a inserção legítima no campo do profissionalismo. A noção de capital futebolístico é pensada tanto a partir da noção bourdieana de capital quanto do conceito de dom da antropologia de Marcel Mauss.

Palmiéri (2015) traz alguns exemplos de deslocamentos familiares para acompanhar as andanças de jovens futebolistas de base pelo universo esportivo, em um processo intenso de atualização dos arranjos e dos sonhos compartilhados. Segundo mostra o autor, não é possível prever acontecimentos que possam encerrar ciclos ou abrir novos caminhos na carreira do atleta.

Em conexão com os achados dos autores supracitados, mergulhamos em histórias de vida que estavam se constituindo no momento da investigação, e ao tentar captar os percursos a partir de narrativas pessoais, a noção de movimento (Ingold, 2012) parece fazer mais sentido, já que estes sujeitos (familiares, atletas e agentes formadores) movimentam constantemente seus destinos no universo do futebol, conforme será mostrado nos passos seguintes do texto.

Oportunização: do bairro para o clube

A construção da relação da criança com o futebol de espetáculo acontece, muitas vezes, em ambientes familiares que cultivam e compartilham a tradição de torcer por determinado clube. Crianças se fantasiam de jogadores, assistem a partidas nos estádios e televisores e, ao menos no contexto brasileiro, sobretudo para os meninos, é comum que o primeiro contato com a bola de futebol aconteça desde muito cedo, já na primeira infância (Freire, 1998).

Sendo assim, é um equívoco pensar que a criança inicia sua formação esportiva somente a partir da chegada ao clube, tendo em vista que parte do aprendizado está localizada exatamente fora do período em que passam no ambiente do futebol de base. É algo um tanto complicado de ser medido, já que, ao chegar num clube, os garotos (e, mais recentemente, também as garotas) já trazem consigo uma boa dose de aprendizado das ruas, campos de várzea, escolas, escolinhas institucionais e brincadeiras que têm a participação (ou não) da bola, além de outras experiências de vida.

No limite, é possível apenas prever como e onde se forjaram as primeiras relações da criança com o esporte. Por esse motivo, Palmiéri (2015) afirma que se deve levar em consideração também a importância da existência de um "pré-futebol de base" que direciona a criança a adentrar no mundo do futebol. Freire (1998) mostra que há elementos imagéticos do esporte presentes nas brincadeiras populares, sobretudo nos jogos com bola, que atuam como potentes dispositivos na construção social de crianças que sonham em se tornar jogadores de futebol, os quais auxiliam também no desenvolvimento de seu repertório motor, elemento básico para a aprendizagem das técnicas corporais específicas da modalidade.

São justamente essas primeiras vivências que possibilitam a aferição e o reconhecimento do talento por parte dos que estão próximos a meninos e meninas, sobretudo familiares, a fim de colocá-los(as) em contato com ambientes formais de práticas sistematizadas de ensino do futebol, com vistas a oportunizar o início de um projeto de carreira (Palmiéri, 2015). Cavichiolli *et al.* (2011) mostram que a ação de levar crianças para escolinhas esportivas ou turmas de treinamento geralmente ocorre por iniciativa dos familiares, especialmente por parte do pai, pelo incentivo de parentes ou do professor de educação física da sua escola. Para Rial (2008), em referência à sociologia de Bourdieu, a construção do *habitus* do esportista inicia-se cedo, nas escolinhas de aprendizado regular, sistemático e disciplinado de determinada modalidade esportiva, o que marca uma separação entre o brincar ludicamente de bola e o treinar.

No caso dos familiares investigados, quando questionados sobre a idade de início de seus filhos em escolinhas esportivas, ambos destacaram pontos semelhantes em suas respostas, sobretudo com relação ao início precoce na prática sistematizada da modalidade, conforme demonstramos na **Tabela 3**, como o reconhecimento da aptidão por parte de agentes formadores e a presença de uma rotina de

treinamentos e competições mesmo antes do acesso às categorias de base dos clubes profissionais. Vejamos:

Tabela 3: Idade de início em escolinhas esportivas. Fonte: elaborado por Autor (2021).

Sujeito	Idade de início	Relato dos familiares
Mãe (A11)	6 anos	"*Meu filho começou a fazer escolinha de futebol com 6 anos, perto de casa.*"
Pai (A12)	5 anos	"*Levei ele em uma escolinha de futebol, quando tinha 5 anos, pra brincar, aqui perto de casa.*"
Pai (A13)	7 anos	"*Meu filho começou no futsal com 7 anos, numa escolinha da cidade em que a gente morava.*"

As falas dos entrevistados mostram que as escolinhas de iniciação esportiva representaram um primeiro contato com vivências formais e especializadas da modalidade. Ou seja, percebe-se que, na construção da trajetória destes atletas, houve um tempo de vivências práticas de forma organizada e estruturada, que antecedeu o acesso às categorias de base dos clubes profissionais. Scaglia (1999) já anunciava uma mudança pedagógica em curso no processo de formação do jogador brasileiro, pois, em décadas passadas, as crianças cresciam brincando de bola nas ruas, o que fez, e ainda faz, com que o senso comum diga que os craques "já nascem sabendo jogar". Mas esses locais de diversão, e também de aprendizagem informal, antes hegemônicos, diminuíram ao longo dos anos, sendo atravessados, por exemplo, pelo processo de urbanização das cidades. Nesse sentido, não se pode negar a importância e a necessidade da proliferação das escolinhas esportivas. Matricular a criança em uma escolinha de iniciação esportiva pode significar apenas uma tentativa de garantir a prática de atividade física, o bem-estar, a saúde e a educação de valores supostamente ofertados por meio do esporte, mas também pode ser interpretado como importante movimento de iniciação na carreira profissional.

Marques e Samulski (2009), ao analisar o processo de iniciação esportiva de 186 jogadores de futebol de campo da categoria juniores (sub-20) das principais equipes nacionais daquele ano, apontaram uma média de 8,95 anos de idade para o início da prática regular na modalidade esportiva em escolinhas, número que se aproxima das respostas dos familiares investigados em nosso estudo. Os autores indicaram também que 80,6% dos atletas praticaram futsal quando mais novos, ratificando a importância também do futsal como uma vertente aliada ao processo de formação dos futebolistas brasileiros.

Sabe-se que futsal e futebol são esportes diferentes, sobretudo do ponto de vista do alto rendimento, tanto no plano tático como nas regras, nos sistemas ou na parte técnica e física. Mas, do ponto de vista da iniciação esportiva, pode-se perceber uma similaridade de desenvolvimento, partindo-se do pressuposto de que ambos são "jogos de bola com os pés". Essa similaridade, aliada ao fato de não existirem muitas opções de campos de várzea, tem direcionado as crianças e os jovens a primeiramente praticar o futsal em escolas e escolinhas esportivas, para que, mais tarde, sejam encaminhados ou convidados a jogar o futebol em clubes profissionais (Cavichiolli *et al.,* 2011). Nesse sentido, o futsal é utilizado pelos clubes de futebol, muitas vezes, como ferramenta de treino, mas também como uma das principais formas de captação de atletas para as categorias iniciais, visto que há muitas instituições, conforme apresentado por Autor (2014), envolvidas em calendários de competições regulamentadas por ligas e federações da modalidade. Não por acaso, os familiares entrevistados relataram a participação de seus filhos também em equipes de futsal.

A13 (2019, informação oral) – pai de atleta de 13 anos – contou que seu filho, aos 9 anos de idade, passou a fazer parte de uma equipe que disputava o campeonato gaúcho de futsal: "[...] *o nível era bom, ele ganhou bastante experiência de jogo e, por ter se destacado, passou a ser monitorado pelo Internacional de Porto Alegre*". Entre 10 e 11 anos de idade, o atleta disputou torneios representando o Internacional, mas, quando completou 12 anos, foi dispensado pelo clube. Segundo o entrevistado, "*como ele era só monitorado, treinava menos que os outros. Ele deixou passar algumas oportunidades e acabou ficando para trás, aí começamos a buscar outros caminhos*" (A13, 2019).

A dispensa do primeiro clube fez com que o pai acionasse uma nova estratégia de continuação do projeto de carreira de seu filho. Segundo Palmiéri (2015), para que um menino possa ter seu talento desenvolvido e reconhecido, é preciso movimentar-se por diferentes espaços e buscar outras estratégias, pois suas supostas aptidões para uma atividade dessa natureza são dependentes de técnicas corporais coletivamente compartilhadas e contextualmente estimuladas em vários domínios sociais. Ter atuado nas categorias iniciais de um grande clube nacional representa também uma espécie de "carta de apresentação" na busca por novas oportunidades.

Já A11 (2019, informação oral) – mãe de atleta de 11 anos – contou-nos que seu filho passou a treinar futsal com 8 anos de idade, em uma equipe que disputava o campeonato estadual catarinense e, aos 9 anos, participou de uma seletiva promovida pelo Avaí Futebol Clube. O menino foi aprovado na seletiva do clube e começou a ter uma rotina de atividades maior, pois passou a treinar futsal duas vezes na semana e, em outros dois dias, a frequentar o treino de futebol de campo também. Além disso, fazia aula particular de treinamento específico para goleiros com o professor da escolinha, que o incentivou a se tornar goleiro. O professor citado pela entrevistada atuava também na função de treinador de goleiros no clube e foi quem o indicou para a referida seletiva. Certamente que a proximidade do professor com a equipe técnica de agentes formadores pode ser considerada importante via de acesso do candidato ao clube. O atleta permaneceu por dois anos na equipe, mas seus pais pediram sua dispensa do clube, pois estavam descontentes com "algumas situações" que, por opção da entrevistada, não nos foram reveladas.

Ao olharmos para a trajetória inicial desses meninos, aparece outro elemento decisivo no processo de formação de jogadores de futebol, o da noção de circulação. Em estudo realizado com atletas de sucesso no sistema futebolístico contemporâneo, Rial (2008) demonstra como o fato de estar em circulação figura como elemento que agrega valor à trajetória dos praticantes. A análise é realizada a partir da importância da categoria nativa rodar, que consiste na circulação dos jogadores entre clubes de diversos países. O rodar é definido como uma característica positiva daqueles que se movimentam entre clubes e incorporam experiências diversificadas na relação com outros jogadores, treinadores, competições etc. Para o contexto de formação de base, o rodar parece adquirir um sentido de maturidade esportiva, por meio do qual o atleta acumula experiências de sucessos e fracassos, mantendo-se em circulação por diferentes espaços de aprendizagens e competições, formatando assim uma espécie de currículo esportivo.

Segundo Palmiéri (2015), as habilidades ligadas ao capital futebolístico acumulam-se com o passar dos anos de investimento na rotina de aprendizagem, e aquele que busca ingressar nos projetos de formação dos clubes profissionais deve avançar suas exibições para além da esfera local, criando novas possibilidades de recrutamento pelos agentes formadores. Nesse sentido, não basta ao aspirante a atleta estar simplesmente praticando o jogo, ele precisa estar inserido em um ambiente formal mais estruturado, que represente o aprendizado dos códigos específicos da modalidade em treinamentos e competições e lhe proporcione a visibilidade e/ou o reconhecimento de sua aptidão para o esporte de alto rendimento.

Nesse sentido, a participação de atletas iniciantes em equipes que disputam competições, seja de futsal, seja de futebol, representa algo a mais do que é ofertado em outros ambientes de prática, como as brincadeiras de bola ou as aulas da escolinha. Mas, para ter acesso a esse universo, é preciso ter o

talento reconhecido por agentes formadores. Sobre este assunto A12 (2019, informação oral) – pai de atleta de 12 anos – contou-nos que o professor da escolinha identificou que seu filho tinha talento e, mais tarde (dois anos após começar a frequentar as aulas da escolinha), aos 7 anos de idade, levou-o para treinar futsal e participar de competições regionais e também do campeonato estadual da Federação Catarinense: "[...] *no futsal, já era um treino mais intensivo, uma rotina mais puxada e com muitos meninos bons*" (A12, 2019).

Vimos que o primeiro sinal que o atleta recebe é o reconhecimento de seu talento por seus pares mais próximos, mesmo que seja ainda representado por pequenos movimentos: da brincadeira com bola em casa para a escolinha especializada na modalidade, e da escolinha para uma equipe de competição, até ser detectado pelo clube. Percebe-se também que, em paralelo ao campo de formação em que os clubes profissionais de futebol se inserem, há também outros espaços e ambientes de prática, com suas próprias lógicas de organização, inclusive com possibilidades de profissionalização, como, por exemplo, o futsal, amplamente disseminado em escolas, clubes e associações (Autor, 2014). Como mostrou Spaggiari (2015), há também as escolinhas de futebol sintético e/ou futebol de campo com caráter social ou privado, que, em geral, estão inseridas em circuitos de competição promovidos por federações estaduais, ligas municipais e empresas de eventos esportivos.

O caminho percorrido até aqui representa uma metáfora da relação existente entre as primeiras experiências esportivas sistematizadas da criança, que ocorrem, em geral, em escolinhas próximas de suas residências, e a busca pelo reconhecimento de seu talento por parte de instituições com processos de formação estruturados e atuantes no âmbito das competições oficiais. Também se evidencia os primeiros movimentos do candidato a atleta no universo profissionalizante; a exemplo do que foi apresentado, apesar de atuarem inicialmente em clubes de base, o fato de os filhos de A11 e A13 não permanecerem nas equipes, indica também que suas primeiras tentativas não foram de sucesso, mas, de certa forma, foram essas experiências que lhes abriram caminhos e permitiram a continuidade do projeto de suas carreiras, como nos revelou a entrevistada A11 (2019): "*Foi por conhecer o trabalho dos profissionais daqui* [clube atual]*, pelo fato de o clube ser muito conhecido em revelar atletas e também por estar mais focado no futebol de campo, que acabamos pedindo pra sair de lá* [antigo clube] *e procurando o treinador para pedir pra fazer um teste com meu filho.*"

Detecção: as diferentes vias de acesso às categorias de base de clubes de futebol

A palavra teste possui um significado potente para o futebol de base, pois representa uma atividade que gera tensão, preocupação, euforia e possibilidades. Um teste é um evento em que os candidatos são literalmente examinados, avaliados, julgados e, a partir daí, confirmam suas expectativas ou fracassos, a depender do resultado final. Um teste pode ser também chamado de peneira, avaliação ou processo seletivo, mas, no limite, os termos possuem o mesmo sentido prático, descrevendo o processo por meio do qual os agentes especializados do campo colocam-se na posição de analisar as aptidões dos futebolistas e, muitas vezes, definir seus movimentos pelo universo do futebol de base (Palmiéri, 2015).

Dentre as diferentes vias de acesso existentes para as categorias de base de um clube de futebol, falaremos primeiramente das peneiras, que, segundo Paoli (2007), são chamadas também de "teste social", pois consistem em um processo mais espontâneo, o qual é realizado pelos clubes para atender a muitos candidatos de uma só vez. Nas peneiras, não há pré-seleção dos participantes inscritos, e o fato de chegar ao clube por iniciativa própria é um aspecto que pesa contra o candidato. Torna-se difícil a aprovação do atleta em peneiras, devido às possíveis diferenças técnicas e físicas, pois não há como prever o nível de experiência e aptidão dos envolvidos. A falta de entrosamento dos candidatos dentro

e fora do campo, pelo fato de que a maioria acaba se conhecendo no próprio dia do teste, traz dificuldades até mesmo para a comunicação entre eles. Por esses motivos, as peneiras são comumente realizadas fora do ambiente de treinamento do clube e atuam justamente no sentido de "garimpar" aqueles que, mesmo com as limitações previstas, conseguem se destacar. Para os agentes formadores, as expectativas de aprovação de novos atletas são pequenas neste tipo de avaliação.

Fato é que existem outros caminhos, mais eficientes, que podem facilitar o acesso dos candidatos, sobretudo quando há intermediação de pessoas que já conhecem o funcionamento de um clube de base (Autor, 2023).

Segundo Paoli (2007), outras estratégias, com melhores índices de aproveitamento, são utilizadas como vias de acesso, às quais o candidato pode recorrer, como indicações, participação em campeonatos, frequência em escolinhas e franquias mantidas pelo clube, parcerias com o futsal e projetos sociais, entre outras.

A indicação, por exemplo, ocorre principalmente em função do trabalho dos captadores do clube, chamados também de observadores técnicos ou olheiros. Essa pode ser considerada uma das vias mais eficientes, pois é aquela que consegue selecionar mais jogadores em todas as categorias, já que o agente, por estar inserido na rotina do clube, tem como função conhecer o perfil do atleta a ser detectado, as carências do elenco, entre outros fatores determinantes na escolha (Paoli, 2007). Esse processo é visto também como uma espécie de rede de relacionamentos e pode ocorrer através de várias pessoas envolvidas no contexto do futebol, principalmente professores de escolinhas, ex-atletas e empresários, que, muitas vezes, não atuam exclusivamente para um único clube. Mesmo os jogadores vinculados a empresários ou a outros clubes podem ser observados e indicados. Uma vez que o menino ou a menina passa a fazer parte de uma categoria de base, é comum, inclusive, que ele seja ofertado para equipes de maior expressão, na tentativa de fazer com que seu agente interlocutor aumente seu *status* de observador e captador de talentos e que o atleta possa rodar. O mesmo acontece quando um atleta é dispensado do clube e precisa ser remanejado para outros centros de formação.

Os agentes formadores entrevistados revelaram estratégias semelhantes para o processo de detecção de seus atletas. T2 (2018) – que atuava em clube de Santa Catarina que se encontrava em ascensão no futebol brasileiro – contou-nos como funcionava a captação de atletas em seu clube, já que não havia um profissional específico para esta função nas categorias iniciais: "*Quem faz essa captação de atletas somos nós professores, a gente já conhece os meninos da região por causa das competições de futsal e tem também alguns parceiros de escolinhas que indicam jogadores para testes*". Segundo Paoli (2007), a procura por talentos futebolísticos está focada em meninos cada vez mais novos, e o fato de eles serem indicados por pessoas ou clubes parceiros, e principalmente se foi observado atuando em competições, contribui para a construção de uma imagem positiva do candidato. Munidos de uma história esportiva, os meninos que chegam aos clubes por intermédio de indicações recebem um *status* diferenciado dos peneirados.

Por exemplo, o pai A12 (2019) nos contou que a chegada de seu filho ao clube se deu por intermédio de sua participação em uma competição de futsal: "*O técnico viu ele jogando o estadual de futsal e fez o convite, recebemos uma carta do clube, foi uma alegria muito grande e uma surpresa para a família. Poder fazer parte de um clube de base é um sonho, e a evolução dele tem sido muito positiva desde que chegamos*". Segundo De Paula (2013), um dos desafios daqueles que têm a tarefa de detectar talentos é também compreender as expectativas dos pais, ou seja, é necessário saber avaliar se a família está interessada em apostar no projeto de carreira profissional de seu filho. Nesse sentido, o entrevistado revelou-nos também que seu filho nunca havia realizado testes ou peneiras e que, [...] *quando surgiu o convite, a família colocou no plano de Deus, oramos muito para que fosse a escolha certa e que pudéssemos aproveitar a oportunidade. A gente fala para ele que precisa se dedicar sempre, porque ele estando dentro do clube está o tempo todo sendo avaliado, por isso tem que ter muito esforço da parte dele em todos os treinos.* (A12, 2019).

Outra via de acesso são as parcerias com as escolinhas independentes, sejam de iniciativa privada, sejam projetos sociais e/ou da rede de franquias de escolas oficiais de um clube, sobretudo nas categorias iniciais, já que, como mostrado anteriormente, grande parte dos meninos e meninas que sonham em se tornar jogadores(as) profissionais iniciam sua trajetória nas escolinhas de futebol e/ou futsal.

Segundo Paoli (2007), praticamente todos os grandes clubes do Brasil possuem franquias de sua marca. T2 (2018), que atuava também na função de coordenador de escolinhas franqueadas, revelou-nos que seu clube possuía cerca de 70 escolas oficiais espalhadas por diversas cidades de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul: "[...] *a gente organiza torneios entre essas escolas lá no nosso CT e temos um período destinado para que eles encaminhem atletas para treinar com o grupo, é uma excelente forma de captaçã*o". Já C1 – coordenador da base de um clube de Santa Catarina que estava na segunda divisão do futebol nacional – revelou-nos a estratégia de qualificação da rede de indicações de atletas do seu clube: "[...] *quando é identificado que a escolinha possui um grande trabalho, então os treinadores e a coordenação fazem uma aproximação, para criar uma boa relação. Aqui são poucas escolas oficialmente parceiras, e o clube tem a política de construir um bom relacionamento com os responsáveis pelos projetos e de nunca entrar em contato direto com a família dos atletas, mas o caminho inverso costuma ocorrer: às vezes, a família procura o clube.*" (C1, 2018).

Um dos familiares, o pai A13 (2019), confirma essa possibilidade ao revelar que foi ele quem procurou o clube, por meio das redes sociais do treinador da equipe, para solicitar um teste: "[...] *entrei em contato com o treinador através do Facebook e mostrei algumas fotos e vídeos do meu filho. Depois disso, ele* [o treinador] *marcou uma data para avaliação no clube, uma avaliação de uma semana. A gente morava longe, mas eu vinha seguido pra Florianópolis, a passeio, já gostava muito da cidade.*" (A13, 2019).

O uso das redes sociais tem se tornado cada vez mais comum, despontando como uma nova ferramenta de observação e captação de talentos por parte dos clubes. Empresas de *marketing* e familiares utilizam perfis para divulgação de imagens e vídeos de treinamentos e jogos de atletas, na tentativa de serem vistos pelos agentes do campo.

Uma vez pré-selecionados, os candidatos passam por um novo teste de provação de suas habilidades, mas desta vez em processo de comparação com aqueles que já compõem a equipe de base do clube. Em geral, o período de avaliação de um atleta dura cerca de uma semana, como nos informaram os entrevistados, podendo ser estendido para duas semanas, nos casos em que o atleta gera dúvida sobre sua aprovação. A13 (2019), por exemplo, afirmou que o "[...] *filho foi avaliado pelos professores; foram três treinos, e no final de semana fui chamado para ser avisado de que ele tinha sido aprovado*".

Por fim, outra estratégia comumente adotada nas categorias iniciais é o monitoramento de atletas, processo que, segundo os agentes formadores, é destinado a meninos que possuem talento, mas ainda não se encontram aptos a integrar a equipe ou ainda não conseguiram adequar suas logísticas para residirem próximos ao clube. Essa ação tem como objetivo atender um número maior de atletas, que realizam treinamentos esporadicamente com a equipe até completarem a idade mínima necessária para se mudarem para o alojamento[6]. Sobre esse tipo de aprovação, C2 – que atuava como coordenador de base de um dos clubes mais tradicionais do país na revelação de talentos – mencionou o cuidado para que o atleta não se ausente da escola por um período longo: "*Quando é detectado que o menino tem qualidades, mas não consegue estar no dia a dia, o Nesp [Núcleo Educacional-Social-Psicológico] chama*

[6] No Brasil, há uma regulamentação do Ministério Público que proíbe os atletas menores de 14 anos de residirem em alojamentos coletivos. Nesse sentido, para não entrar em conflito com a legislação, os clubes buscam flexibilizar a forma de preenchimento das vagas em suas categorias de base iniciais; em geral, quando os familiares têm disponibilidade financeira – ou recebem ajuda financeira de agentes empresários – e o menino ainda não atingiu a idade mínima, a família ou parte dela acaba se mudando para próximo do clube, a fim de acelerar o processo de integração à rotina de treinos e permitir que o menino acompanhe o desenvolvimento dos companheiros de equipe (Autor, 2021).

os pais, o treinador e o coordenador para explicar como irá funcionar tudo. Então os pais fazem contato com o treinador, para agendar uma semana de treino. São os pais que indicam a semana, pois tem a questão da escola e, dependendo da situação financeira, eu dou a liberdade para que o atleta venha uma vez a cada 30 ou 60 dias." (C2, 2018).

Como mostrado anteriormente na fala de A13, no período em que seu filho era monitorado pelo Internacional de Porto Alegre, o menino participou de treinamentos e competições no clube, porém o fato de não estar presente na rotina da equipe pode ter prejudicado sua continuidade no processo (argumento utilizado pelo pai do atleta). Importante lembrar que o Movimento dos Clubes Formadores do Futebol Brasileiros[7] não reconhece essa prática como garantia de vínculo de formação do atleta, pois o mesmo menino pode ser monitorado por mais de um clube ao mesmo tempo, e sua rotina de vida não está totalmente relacionada a um clube em específico. Nesse sentido, entende-se que o monitoramento atua como uma espécie de pré-aprovação do candidato.

Entre os entrevistados, somente T1 – treinador das categorias sub-11 e sub-13 de um pequeno clube catarinense – apresentou uma forma diferente de organizar as avaliações, talvez pelo fato de atender exclusivamente atletas que residem em regiões próximas ao clube, o que lhe garantiria maior tempo de observação antes de tomar uma decisão sobre a aprovação ou dispensa do candidato: "*Avaliação somente de um dia não acontece; se o atleta mostrou alguma qualidade, a gente procura dar um tempo maior, o que varia de uma semana a 30 dias de avaliação. E se nesse período ainda tiver dúvidas, então ele fica mais 30 dias, mas sai ciente de que ainda está em avaliação.* [...] *Temos escolas parceiras e projetos de futsal que indicam atletas para o clube. Em paralelo à seletiva, é feito contato com as escolas e os professores para indicações de atletas. Os meninos são todos da cidade e da região. O clube não aloja nenhuma categoria, e aqueles que vêm de outras cidades vêm por conta própria."* (T1, 2019).

Como vimos, aos atletas menores de 14 anos que ingressam nas categorias de base não é permitido residir nos alojamentos oficiais dos clubes. Sobre esse assunto C2 (2018) contou-nos como seu clube se organizava: "*Sendo atleta de fora, até o sub-13, a gente não aloja, pois o ECA não permite, e o clube é bem rígido nesse sentido. A psicóloga, a orientadora educacional e a assistente social cuidam muito dessa parte, então os que vêm de fora têm que se virar, é por conta da família; as refeições a gente consegue ofertar no clube, isso é tranquilo.* [...] *Quem organiza a vinda dos meninos são os empresários deles e as famílias".*

Por se tratar de um clube de grande popularidade e expressão nacional, com uma ampla rede de captação de jogadores, é mais comum a procura por parte de candidatos de diversos locais do país, e mesmo os atletas mais novos, em idade de pré-formação, podem estar vinculados aos agentes empresários. Sobre esse tema, T2 (2018) nos relatou o seguinte: "*Quando identificamos um atleta de potencial, o coordenador entra em contato com a sua escolinha, e ele tem que vir pro clube, por acreditar no nosso trabalho. Dependendo da situação, até podemos ver uma possível ajuda de combustível para o deslocamento. Já que a maioria dos meninos é aqui da Região do Extremo Oeste ou da Região Serrana do Estado, o pai pode trazer pro treino e levar embora, mas tem aqueles que vêm de mais longe, são de fora, de um empresário do Mato Grosso, por exemplo, que estão vindo pra morar na cidade e ficam sob os cuidados dele. A gente fala que não tem vínculo com ele, pois é lei, né, não pode oferecer alojamento para os menores de 14 anos, então os meninos ficam numa pensão e tal, mas é tudo bancado pelos pais, e como o valor da pensão é alto, então a gente oferece a alimentação no clube.*"

Na mesma direção, T5 (2018) – treinador de um importante clube do Estado do Rio Grande do Sul – informou-nos que, no caso de seu clube, "[...] *escolas parceiras indicam muitos atletas, e realizamos*

[7]Associação fundada em 2012, sendo frequentado por gestores e coordenadores de base dos principais clubes do País, que se autodeclaram atuantes na promoção, proteção, defesa e garantia dos direitos dos clubes que possuem certificação de clubes formadores emitidos pela CBF.

o monitoramento dos mais novos, então focamos nesses monitoramentos, com o cuidado para que o atleta não falte muitas aulas. Temos um pessoal que recebe os meninos, algumas famílias dos que já moram aqui na cidade, elas são acompanhadas pela assistente social e a psicopedagoga do clube, e se a família não quer se mudar pra cá, eles entregam uma tutela para essas famílias que recebem os meninos, tudo dentro de uma flexibilização da lei."

As falas dos entrevistados mostram que, apesar de haver a tendência de os clubes selecionarem atletas que residem em distâncias próximas às sedes e aos CTs, especialmente nas categorias iniciais, por facilitar a logística de acompanhamento da rotina de atividades e, principalmente, por não poderem ofertar moradia em seus alojamentos oficiais, há também estratégias pensadas, tanto por parte dos clubes quanto de familiares e empresários, para que os meninos possam fazer parte integralmente da rotina desenvolvida pelos clubes. T6 (2019) – que atuava como treinador de um dos clubes de São Paulo mais tradicionais do País na revelação de talentos – confirma essa expectativa ao relatar que "o*s atletas da categoria sub-13 e das menores são oriundos do Brasil todo. Por exemplo, se o clube gostou de um atleta lá da Bahia, é conversado com o pai e o menino vem morar para cá. O clube tem como princípio que, se o menino vier, tem que vir um familiar junto, ele não pode vir sozinho e morar com alguém, como acontece em outros lugares. Nós não oferecemos alojamento nesta idade, mas tem toda a estrutura médica, nutricional, psicossocial e escolar.*" Foi o que ocorreu também com a família de A13, que precisou se mudar de cidade, distante cerca de 900 km, para acompanhar a rotina de atividades do clube.

Para reforçar esse dado, trazemos informações sobre o Estado de nascimento dos atletas de quatro clubes participantes do torneio sul-brasileiro da categoria sub-13, realizado entre os meses de maio e dezembro de 2019 nas sedes de clubes dos Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Os dados foram obtidos a partir do aplicativo de celular "BG Prime 2019" (Autor, 2021), e mostram que o Athletico, do Paraná, inscreveu 29 jogadores na competição, dos quais 15 eram nativos do Paraná, 5 de Santa Catarina, 4 de São Paulo, 2 do Pará, e 1 do Distrito Federal, Ceará e Espírito Santo, respectivamente; o Avaí, de Santa Catarina, participou com 34 atletas, destes, 20 eram naturais de Santa Catarina, 6 de São Paulo, 4 de Rondônia, e 1 do Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná e Rio Grande do Sul, respectivamente; a Chapecoense, também de Santa Catarina, inscreveu 26 jogadores, dos quais 8 eram catarinenses, 6 do Rio Grande do Sul, 3 do Paraná, Mato Grosso e São Paulo, 2 do Mato Grosso do Sul e 1 de Rondônia; o Grêmio, do Rio Grande do Sul, inscreveu 35 jogadores, com 8 gaúchos e o restante da equipe composta por 4 nascidos em São Paulo, 3 no Ceará, Paraná e Rio de Janeiro, 2 no Distrito Federal, Maranhão, Mato Grosso e Santa Catarina, e 1 em Alagoas, Bahia e Minas Gerais, respectivamente.

Esses dados não nos permitem traçar as histórias individuais, tampouco saber se o deslocamento do atleta e/ou de seus familiares ocorreu exclusivamente a partir do ingresso nas categorias de base destes clubes, mas nos dão algumas pistas e nos oferecem um panorama da circulação existente no universo do futebol entre as diferentes regiões do país desde a trajetória inicial de formação. Para Rial (2008), a circulação de atletas pelo universo do futebol, desde as categorias de base, é algo comum e, por vezes, desejado. Sair de casa pode ser considerado um importante sinal de que o projeto de carreira está bem encaminhado. Porém, esse momento de ruptura é significativo, pois implica uma mudança nos estilos de vida, e a fronteira a superar, nesse caminho, é a do círculo familiar. Esse processo evidencia que a consequência será o afastamento, que é visto como doloroso, mas cercado de grandes esperanças de realização profissional e da possibilidade de adquirir rodagem e experiências úteis para a conversão da incorporação do capital futebolístico em profissão.

Seleção: critérios utilizados na detecção de jogadores

Nesta última parte apresentaremos os principais critérios utilizados pelos agentes formadores na detecção de talentos em iniciação esportiva, tendo os fatores antropométricos (altura, peso etc.), as características físicas (resistência, força, velocidade, entre outras), os requisitos técnicos motores (capacidades coordenativas e os fundamentos técnicos específicos da modalidade), a capacidade de aprendizagem, o desempenho competitivo, as capacidades cognitivas (concentração, inteligências, criatividade etc.) e os fatores afetivos e sociais como importantes critérios de avaliação para que o candidato seja selecionado para as categorias de base destes clubes.

O tema é relevante, pois, em muitos casos, o desempenho do jogador no momento da avaliação é atraente ao olhar de quem observa, seja ele o captador ou a própria comissão técnica do clube, mas, segundo Paoli (2007), existem poucas evidências de qualquer critério científico que sirva de base para predizer que a escolha do atleta, naquele momento, será eficaz. Ou seja, a busca de jogadores de futebol talentosos e o seu posterior desenvolvimento nas categorias de base se encontra ainda em significativa dependência da avaliação subjetiva, do bom senso e do olhar daquele agente que está avaliando o atleta. Por outro lado, a capacidade destes profissionais de "enxergar" o talento esportivo desde as idades iniciais e projetar seu potencial futuro não pode ser desconsiderada (Paoli, 2007).

Os entrevistados foram questionados sobre quais seriam os principais critérios utilizados no momento da avaliação de um atleta que se encontra em trajetória inicial de formação. T2 (2018), por exemplo, respondeu que "[...] *as nossas categorias são abertas; se chegar um menino que é melhor, ele vai ficando. Não temos uma cartilha de situações que façam o menino ficar ou não ficar, vai da carência do elenco, e o critério é o seguinte: joga bem ou joga mal. Se joga bem, fica*". Mas, afinal, o que representa "jogar bem" e o que de fato agentes e clubes procuram detectar nestes meninos que se encontram em idade de pré-formação na carreira esportiva?

O discurso comum, identificado a partir da fala dos entrevistados, é que apostavam na busca por atletas que apresentassem domínio apurado dos fundamentos técnicos específicos do futebol, ou seja, de habilidades supostamente inatas e/ou que deveriam ser aprendidas antes do ingresso ao clube. Termos como "boa relação com bola", "recurso técnico" e "potencial técnico" aparecem em destaque, como afirmaram, por exemplo, C1 (2018), para quem "[...] *o principal critério que utilizamos para selecionar e avaliar os atletas é o potencial técnico; o clube opta por meninos com boa relação com a bola, que saibam resolver problemas de jogo*", e T5 (2018), que considera que "[...] *o principal é a parte técnica: não somos historicamente um clube que trabalha com atletas de força e maturação alta, procuramos meninos com recurso técnico*". De acordo com Palmiéri (2015), para um jogador em formação, o mais importante é ser rápido em pensar e executar as tarefas impostas pelo jogo, e, para isso, a técnica é muito importante. Desse ponto de vista, a técnica seria a mediação entre o pensar e o executar, a partir do repertório de gestos e ações incorporados à mecânica dos movimentos específicos do esporte.

No Glossário do futebol brasileiro, documento oficial da CBF, a técnica é conceituada tanto no plano histórico quanto contextual específico da modalidade, definida como a utilização do corpo para a solução de um problema imposto ao jogador durante o ato de jogar (Thiengo, 2020).

De modo geral, essas características são levadas em consideração pelos entrevistados, como nos revelou C2 (2018): "*Aqui no clube, a gente analisa muito a relação com bola, o nível de aptidão e a projeção do atleta. O menino precisa também ter um bom entendimento de jogo e das funções táticas*". Do mesmo modo, T6 (2019) nos contou que seu clube possuía um perfil definido para a captação de atletas, que priorizava a qualidade técnica e cognitiva no processo de avaliação: "*buscamos o jogador que entende o jogo, sempre respeitando a história do clube, aquele jogador ousado e driblador. Nosso olhar*

é muito atento para isso, esse é o perfil que a torcida gosta, havendo, é claro, preocupação pelo biotipo físico do atleta, mas isso não é fator determinante na avaliação".

Ao utilizarem termos como "projeção do atleta", "bom entendimento do jogo e das questões táticas" e "jogador que entende o jogo", os agentes destacaram que aspectos relacionados à cognição, à capacidade de resolver problemas e à aprendizagem também são relevantes e se articulam à projeção de desenvolvimento futuro que o atleta poderá alcançar, ou seja, qual será seu nível de desempenho nas categorias subsequentes.

Apesar de não serem apontadas pelos agentes como principais critérios na detecção de talentos, questões como o desempenho e o desenvolvimento físico também são levadas em consideração, pois, como afirmou T4 (2019) – que atuava como treinador de um importante clube formador de Santa Catarina –, "*por entender que há um processo natural de maturação física do atleta, que, estando integrado à rotina de treino do clube, irá desenvolver estas capacidades, o perfil que a gente busca é voltado para as capacidades técnicas e cognitivas. Aqui, buscamos atletas capazes de resolver problemas de jogo com soluções técnicas e criativas.*" Já T3 (2018) – que atuava como treinador de um importante clube formador de Santa Catarina –f alou que, "[...] *primeiramente, é observado o manejo com a bola, a parte técnica e a capacidade de resolver problemas, depois a questão física de força e tamanho e a parte coordenativa do atleta*".

Termos como "questão física", "biotipo físico" e "maturação física" estão intimamente ligados ao nível de desempenho esportivo apresentado pelos atletas no momento em que são avaliados. Segundo Palmiéri (2015), ao observar um garoto, os avaliadores muitas vezes se apegam à imagem física, antevendo, ou projetando, as possibilidades desse mesmo corpo se expandir para cumprir determinadas rotinas dentro do jogo. Para Paoli (2007), atributos como potência do chute e os contatos físicos na disputa pelo espaço de jogo são alguns exemplos de que meninos com desenvolvimento físico favorável e com maior tamanho corporal tendem a ter certa vantagem durante o jogo. Apesar de haver evidências científicas que apontam para essa tendência no processo de detecção de talentos em categorias de base (Reis, 2020), elas aparecem de forma clara no discurso dos nossos entrevistados, talvez pelo fato de ser algo naturalizado pelo campo, que já não causa estranhamento naqueles que estão inseridos no processo de formação de futebolistas de base.

Sabe-se que as categorias de base são organizadas pela idade cronológica dos jogadores (ano de nascimento). Porém, é comum encontrar crianças e adolescentes cuja idade cronológica não acompanha a idade biológica em seu estágio de maturação, que pode estar abaixo ou acima daquela, o que representa características funcionais distintas dentro de um mesmo grupo de indivíduos. Nessa perspectiva, jogadores amadurecidos precocemente apresentam vantagens no desempenho físico, visto que são mais fortes, mais velozes, mais ágeis e mais resistentes aeróbica e anaerobicamente do que os jogadores amadurecidos tardiamente. Em função disso, é possível que o processo de formação, detecção e seleção de jogadores esteja sujeito a privilegiar jogadores amadurecidos biologicamente (Reis, 2020). Para Rezende (2019), a faixa etária em que se encontram os atletas em ciclo de pré-formação caracteriza-se por um período de constantes mudanças morfológicas e fisiológicas, que acontecem durante o processo de crescimento, devido às transformações físicas, psíquicas e sociais que estabelecem o elo entre a infância e a adolescência, podendo, nesse período, haver um rápido aumento da estatura e da massa corporal, dentre outros aspectos, quando o menino entra na puberdade. Espera-se que ocorra o pico de velocidade de crescimento, em meninos, entre 12 e 15 anos de idade.

Na tentativa de diminuir o distanciamento das valências físicas, alguns dos clubes investigados optavam por se organizar em grupos de trabalho de idades únicas, principalmente nas categorias iniciais (sub-10, sub-11, sub-12, por exemplo), entre outras estratégias. Porém, as categorias oficiais de competição agregam uma faixa de, no mínimo, dois anos de diferença, a saber: sub-23 (aspirantes), sub-20, sub-17, sub-15, sub-13, sub-11 e sub-9.

Paoli (2007) afirma que há um consenso entre agentes formadores de que não existe uma idade ideal para identificação do talento. Entretanto, recomenda que seja entre os 12 e os 14 anos, pois é quando o atleta está saindo da infância e entrando na adolescência. Para um dos entrevistados da pesquisa realizada pelo referido autor, "[...] depois que entra na adolescência o garoto modifica um pouco suas qualidades, porque nesta fase ele começa a mostrar um desenvolvimento na força, escondendo um pouco o potencial de habilidade motora" (Paoli, 2007, p. 117). Essa é uma área de estudo complexa dentro da perspectiva do desenvolvimento humano, porque não conta com instrumentos de avaliação precisos e específicos para o futebol. Por vezes, os meninos que são dispensados dos clubes na faixa etária entre 12 e 13 anos podem apresentar melhoras em diversos aspectos com 15 ou 16 anos, pois o processo maturacional é bastante intenso neste período. Sobre essa questão, C2 (2018) explicou-nos que, "[...] *por questões físicas, alguns clubes têm um perfil definido de seleção de atletas, e o nível de maturação ajuda na decisão, pois tem os tardios*[8] *e os não tardios, e isso influencia no desempenho técnico no momento da avaliação. Quando o atleta é aprovado, é realizado exame de maturação, analisamos a data de nascimento e tem também o olhar do treinador. Procuro colher o máximo de informações do atleta, para poder tomar uma decisão justa, mas o grau de maturação é complicado no sub-11, pois fica mais subjetivo ao olhar do treinador, já no sub-13 você consegue identificar melhor, ter uma leitura melhor."*

Estudos recentes mostram que a maturação biológica possui influência direta no processo de detecção precoce de talentos esportivos, sendo caracterizada pelo efeito da idade relativa, que corresponde à tendência de selecionar atletas nascidos nos primeiros trimestres do ano, por frequentemente apresentarem maiores índices de testosterona e maturação sexual (Massa, 2020) em comparação com os de mesma idade, mas nascidos em trimestres posteriores. Segundo Reis (2020), o efeito da idade relativa consiste na categorização assimétrica de indivíduos de uma mesma faixa etária e categoria competitiva a partir de um ponto de corte (geralmente 1º de janeiro), o que pode chegar a quase 12 meses de diferença entre as suas idades cronológicas. Esse fator pode implicar vantagens e desvantagens físicas e cognitivas, afetando o desempenho esportivo ao longo de todo o processo de formação.

Massa (2020) mostrou que, entre 1.714 atletas registrados na Federação Paulista de Futebol em 2012, atuantes nas categorias sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20, 44% eram nascidos no primeiro trimestre do ano (janeiro, fevereiro e março), 27% nascidos no segundo trimestre (abril, maio e junho), 19% nascidos no terceiro trimestre (julho, agosto e setembro) e 10% nascidos no quarto trimestre (outubro, novembro e dezembro). O autor afirma que este efeito também possui influência sobre os que serão convocados para a seleção nacional, pois, entre os 25 atletas da seleção brasileira sub-15 que participaram do torneio sul-americano em 2018, 16 eram nascidos no primeiro trimestre, 8 no segundo trimestre, e apenas um no mês de agosto.

Paoli (2007) destaca que, nas idades iniciais, a falta de um padrão coletivo de jogo permite que aqueles que já possuem desenvolvidos um perfil antropométrico e aptidão física tenham maior destaque. Porém, com a evolução da idade cronológica e a aquisição de habilidades técnicas, de capacidades táticas e de um melhor preparo psicológico, as variáveis físicas deixam de ser eficazes na identificação dos jogadores mais aptos. Devido ao caráter multifatorial do desempenho no futebol, um jogador que apresenta desvantagem em determinado aspecto pode se sobressair em algum outro, fato que tende a ocasionar falhas no processo de avaliação.

Palmiéri (2015) afirma que, na prática, características como peso, altura, força e velocidade são realmente levadas em consideração no momento de analisar as capacidades de um atleta em formação, que são medidas em testes, peneiras, treinamentos, jogos e fazem parte de um quadro geral de expectativas. Por exemplo, é esperado que goleiros sejam altos e ágeis, que zagueiros sejam igualmente

[8] Refere-se aos atletas que possuem atraso no grau de maturação biológica, o que ocorre, com mais frequência, naqueles que nascem nos últimos meses do ano.

altos e fortes, que laterais sejam rápidos, e assim por diante. No entanto, essa não é uma regra. No mesmo sentido, Damo (2005) assegura que as exigências com relação às competências do atleta variam de acordo com a divisão do trabalho em campo, ou seja, com as diversas posições e funções existentes no jogo. Por exemplo, não se exige de um defensor a mesma destreza, ou criatividade, ou velocidade de raciocínio demandada de um meia-armador. Assim, exige-se de cada especialista o domínio das disposições correspondentes a sua posição/função, e os treinamentos também são orientados nessa direção.

Esses indicadores atuam, de certa forma, como uma referência para os recrutadores de jogadores, ainda que, segundo os entrevistados, nas categorias iniciais de formação, não se tenha tanto rigor com relação à posição e função específica em campo, já que os meninos estão ainda descobrindo seus "lugares" no jogo, sendo comum, e até esperado, que um atleta possa atuar em diferentes posições e funções ao longo das etapas de formação. A exceção parece ser os goleiros, como nos revelou T2 (2018): "*O clube quer o goleiro com o pai alto, para ter projeção de crescer".*

Assim como demonstrou Damo (2005), aspectos da motricidade geral, valências físicas, atributos psicológicos e componentes cognitivos são fatores determinantes na detecção e seleção de talentos para o ingresso nas categorias de base de clubes de futebol. Esses critérios representam uma clara tentativa de corte e selecionamento precoce em busca de um tipo ideal e normativo de atleta, que atenda às exigências postas em ambientes de alta performance competitiva, ocasionando exclusões e descartes de muitos praticantes que não se enquadram naquilo que deles espera o campo de formação profissional.

A fala dos agentes entrevistados mostra o poder decisório da função que exercem como membros da comissão técnica no processo de avaliação de um atleta, ou seja, na escolha de alguns, que, de acordo com seus critérios, possam ser definidos como os mais aptos para permanecerem no processo de formação.

Considerações finais

O estudo considera a análise das trajetórias iniciais de futebolistas e revela complexidade do processo de formação nas categorias de base de clubes profissionais. Desde a fase da oportunização, passando pela detecção e seleção, até os critérios em geral subjetivos adotados pelos agentes formadores na avaliação de talentos, atletas e familiares atravessam um longo e árduo caminho em busca da profissionalização. Neste sentido, revelamos ainda como os clubes investigados se utilizavam de múltiplas estratégias de captação e como o talento, muitas vezes, precisa ser validado por redes de relacionamentos e contextos formais de ensino e treinamento, como as escolinhas de futebol.

Os relatos evidenciam que o processo de formação não segue uma linearidade rígida e que a circulação entre diferentes clubes e espaços de prática esportiva é um aspecto central na construção do "capital futebolístico".

A pesquisa também aponta que, para os jovens que não conseguem superar as etapas iniciais, o caminho da reconversão profissional pode ser desafiador, dada a forte especialização precoce no futebol. A perspectiva de êxito no esporte convive com a possibilidade constante de fracasso e exclusão, ressaltando a importância de redes de apoio e estratégias alternativas para a continuidade de suas trajetórias, dentro ou fora do futebol.

Por fim, devemos levar em consideração o contexto vivido após o período de produção de dados e entrevistas realizados para a realização dessa pesquisa, ocasionado pela pandemia de COVID-19 que afetou profundamente as dinâmicas de formação do futebol de base, trazendo novos desafios para a

prática esportiva e para a gestão dos clubes. A suspensão de competições, os fechamentos temporários das escolinhas e a limitação de atividades presenciais impactaram diretamente o fluxo de novos jogadores por um período de tempo considerável, naturalmente proporcionando novos movimentos e circulações dos atores.

Por meio das redes sociais foi possível acompanhar alguns dos movimentos de nossos entrevistados após a suspensão temporária das atividades de base de seus clubes. A saber: A11 deixou a cidade de Florianópolis em Santa Catarina e mudou-se para São Paulo para acompanhar seu filho em um novo clube; A12 permaneceu em sua cidade e buscou outros centros de formação para seu filho; A13, que havia recentemente se mudado para a cidade do clube, Palhoça/SC, buscou novas oportunidades em outros centros de formação na tentativa de manter o projeto de carreira de seu filho. O mesmo ocorreu com alguns dos agentes formadores que nos últimos anos acabaram trocando de funções e ou de clubes: C1 tornou-se agente empresário; T3 tornou-se supervisor de futebol e se transferiu para um clube em Minas Gerais; T4 seguiu como treinador, mas transferiu-se para um clube no Estado do Paraná; T5 foi desligado de seu clube e passou a atuar com escolinhas de futebol; e, por fim, T6 permaneceu na função de treinador, mas trocou de clube dentro do próprio Estado de São Paulo.

Essas informações reforçam a noção de movimento e circulação presentes no campo, sendo afetadas pelo tempo e as transformações ocorridas pelo cenário peculiar vivido nos últimos anos durante e após a pandemia de COVID-19.

Referências

CAVICHIOLLI, Fernando Renato *et al.* O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 631-647, 2011. Disponível em: https://bit.ly/3rVi8h1. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S1807-55092011000400008.

CORREIA, Carlus Augustus Jourand. **Entre a profissionalização e a escolarização**: projeto e campo de possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. 2014. 258 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: https://bit.ly/3A4ZyWx. Acesso em: 20 mar. 2020.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em: https://bit.ly/2Vvr7Jz. Acesso em: 20 mar. 2020.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Londrina: Midiograf, 1998.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: https://bit.ly/3frYGn2. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832012000100002.

Autor. Eliminação e seleção no futebol de base: sobre testes e "peneiras". **Ludopédio**, São Paulo, v. 171, n. 7, 2023.

Autor. **Esporte, treinamento e educação: projetos, agentes e tensões na formação inicial de futebolistas no Brasil.** 2021. 196f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_9022bb84c860b96e228cfe9e775bdd54. Acesso em: 31 mai. 2023.

Autor. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. 2014. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: https://bit.ly/3rQI6Ck. Acesso em: 20 mar. 2020.

MASSA, Marcelo. **Aspectos gerais do desenvolvimento do talento**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2020.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martins. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sociofamiliar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**,São Paulo, v. 23, n. 2, p. 103-19, 2009. Disponível em: https://bit.ly/3xmvd40. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S1807-55092009000200002.

PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. **Um mundo em vários movimentos**: uma etnografia sobre futebolistas de base. 2015. 280 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: https://bit.ly/3fsanu3. Acesso em: 20 mar. 2020.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 2007. 187 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: https://bit.ly/3fpWDQk. Acesso em: 20 mar. 2020.

REIS, Marcos Antonio Mattos dos. **Iniciação e futebol de base**. Natal: Futebol Interativo, 2020. Disponível em: https://www.futebolinterativo.com.br/. Acesso em: 25 jul. 2020.

REZENDE, Rodrigo F. de. **Preparação física em categorias de base**. Rio de Janeiro: Confederação Brasileira de Futebol, 2019.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, dez. 2008. Disponível em: https://bit.ly/37oX3SB. Acesso em: 20 mar. 2020. DOI: https://doi.org/10.1590/S0104-71832008000200002.

SCAGLIA, Alcides José. **O futebol que se aprende e o futebol que se ensina**. 1999. 255 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: https://bit.ly/3fs3QPQ. Acesso em: 20 mar. 2020.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana.2015. 470 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://bit.ly/3xgHw1W. Acesso em: 20 mar. 2020.

THIENGO, Carlos Rogério. **Glossário do futebol brasileiro**: termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2. ed. Rio de Janeiro: CBF, 2020. Disponível em: https://bit.ly/3CfzQAu. Acesso em: 20 mar. 2020.